

A origem do infinitivo pessoal português: uma pesquisa no latim vulgar

Bachelor Eindwerkstuk
Joost Jutten (3474291)
Portugese Taal en Cultuur - Universiteit Utrecht
Begeleider: Dr. M.J. Schoenmakers
Tweede lezer: V.L. Peixoto da Silva
Juli 2013



Universiteit Utrecht

VERKLARING: INTELLECTUEEL EIGENDOM

De Universiteit Utrecht definieert het verschijnsel "plagiaat" als volgt:

Van plagiaat is sprake bij het in een scriptie of ander werkstuk gegevens of tekstgedeelten van anderen overnemen zonder bronvermelding. Onder plagiaat valt onder meer:

- het knippen en plakken van tekst van digitale bronnen zoals encyclopedieën of digitale tijdschriften zonder aanhalingstekens en verwijzing;*
- het knippen en plakken van teksten van het internet zonder aanhalingstekens en verwijzing;*
- het overnemen van gedrukt materiaal zoals boeken, tijdschriften of encyclopedieën zonder aanhalingstekens of verwijzing;*
- het opnemen van een vertaling van bovengenoemde teksten zonder aanhalingstekens en verwijzing;*
- het parafraseren van bovengenoemde teksten zonder verwijzing. Een parafrase mag nooit bestaan uit louter vervangen van enkele woorden door synoniemen;*
- het overnemen van beeld-, geluids- of testmateriaal van anderen zonder verwijzing en zodoende laten doorgaan voor eigen werk;*
- het overnemen van werk van andere studenten en dit laten doorgaan voor eigen werk. Indien dit gebeurt met toestemming van de andere student is de laatste medeplichtig aan plagiaat;*
- ook wanneer in een gezamenlijk werkstuk door een van de auteurs plagiaat wordt gepleegd, zijn de andere auteurs medeplichtig aan plagiaat, indien zij hadden kunnen of moeten weten dat de ander plagiaat pleegde;*
- het indienen van werkstukken die verworven zijn van een commerciële instelling (zoals een internetsite met uittreksels of papers) of die tegen betaling door iemand anders zijn geschreven.*

Ik heb de bovenstaande definitie van het verschijnsel "plagiaat" zorgvuldig gelezen, en verklaar hierbij dat ik mij in het aangehechte essay / werkstuk niet schuldig heb gemaakt aan plagiaat.

Titel paper / BA-eindwerkstuk / MA-scriptie (doorstrepen wat niet van toepassing is):

A origem do infinitivo pessoal português: uma pesquisa no latim vulgar

Naam: *Joost Jutten*

Studentnummer: *3474291*

Plaats: *Dordrecht*

Datum: *10-7-2013*

Handtekening:

J. Jutten

(Deze verklaring moet als tweede pagina worden opgenomen in het werk)

Índice

1. Introdução.....	4
2. Quadro teórico.....	5
2.1 Cunha & Cintra (2010).....	5
2.2 Duas hipóteses sobre a origem do infinitivo pessoal.....	7
2.3 O percurso das duas hipóteses	10
2.3.1 Williams (1961).....	10
2.3.2 Maurer (1968)	11
2.3.3 Saïd Ali (1971).....	12
2.3.4 Wireback (1994).....	13
2.3.5 Martins (2001) e Schaf Filho (2003).....	16
2.4 Pergunta base	18
3. Método de pesquisa.....	20
4. A análise.....	22
4.1 As Etymologiae	22
Liber I; XXIV. de notis militaribvs; linha { 1 } :.....	23
Liber III; XXI. de secvnda divisione, qvae organica dicitvr; linha { 3 }	23
Liber III; L. de cvrsv solis; linha { 1 }	24
Liber V; XXX. de diebvs; linha { 8 }	24
Liber VIII; XI. de diis gentivm; linha { 46 }	25
Liber VIII; XI. de diis gentivm; linha { 65 }	26
Liber IX; VII. de conivgiis; linha { 30 }	26
4.2 Textos portugueses arcaicos	27
4.2.1 A diferença entre latim bárbaro e latim vulgar.....	28
4.2.2 Séculos IX-XII	29
4.2.3 Séculos XII - XIII.....	30
4.2.4 Século XIV	30
4.2.4 Século XV	31
4.3 Textos Galego-Portugueses	33
4.4 Conclusões preliminares.....	34
5. Conclusão.....	35
Bibliografia.....	37
Samenvatting.....	39

1. Introdução

Depois de ler um artigo interessante de Santos Lindegaard (2010) sobre o debate do infinitivo pessoal, decidi que queria saber mais sobre o assunto. O infinitivo pessoal na sua forma actual encontramos desde o período do português arcaico. Segundo Cunha & Cintra (2010: 480-482), o infinitivo pessoal é uma forma nominal do verbo distinta e apenas conhecida na língua portuguesa, formada a partir do infinitivo impessoal português, possuindo desinências especiais para as três pessoas do plural e para a segunda pessoa do singular. Outros linguistas pesquisaram a origem do infinitivo pessoal, mas até hoje não se sabe exactamente de onde vem esta forma nominal do verbo, havendo diferentes hipóteses. Mas, afinal, qual é a verdadeira origem desta forma infinitiva flexionada que se emprega frequentemente na língua portuguesa? Poderia ser uma forma derivada duma forma verbal no latim clássico? Ou seria, talvez, derivada do dialeto galego situado no noroeste do território da Península Ibérica? O linguista Santos Lindegaard (2010: par.4) descreve duas hipóteses interessantes no debate do infinitivo pessoal. Uma que sugere que o infinitivo pessoal se estabeleceu a partir da forma verbal do imperfeito do subjuntivo do latim clássico e a outra que se baseia na forma verbal do infinitivo impessoal do latim vulgar. A questão que se encontra aqui é a dificuldade de poder verificar as duas hipóteses. Até hoje, os linguistas que participam no debate não conseguem decidir por uma das duas hipóteses com argumentos definitivamente convincentes, sempre havendo apenas especulações sobre a origem do infinitivo pessoal no português. Este impasse no debate do infinitivo pessoal tem sobrevivido já há mais dum século.

Nesta tese quero estudar as diferentes hipóteses deste debate sobre a origem do infinitivo pessoal na língua portuguesa, para formular a pergunta base no capítulo 2. Em seguida, elaboro o meu método de pesquisa no capítulo 3, contendo a apresentação do plano da minha análise e as fontes para a minha análise. No capítulo 4 virá a própria análise na tentativa de responder à pergunta base desta tese. Finalmente apresentarei conclusões e sugestões para pesquisa futura no capítulo 5.

2. Quadro teórico

Começo pelo infinitivo pessoal na gramática normativa de Cunha & Cintra (2010). Em seguida, vou tratar as duas hipóteses conhecidas no debate do infinitivo pessoal. Depois, há seis outras visões de diferentes linguistas que apresentarei e para terminar este capítulo, apresento a minha pergunta base desta tese.

2.1 Cunha & Cintra (2010)

Antes de expor as duas hipóteses muito discutidas sobre a origem do infinitivo pessoal, temos de nos perguntar qual é o carácter do infinitivo pessoal. É um tempo verbal? Tem número e pessoa? Quando é que utilizamos o infinitivo pessoal? São questões importantes para explicar o seu emprego. Consultando a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha & Cintra (2010: 392), constatamos que o infinitivo pessoal é formado a partir do infinitivo impessoal. As desinências deste tempo verbal são apresentadas na tabela 1.

	1.a conjugação	2.a conjugação	3.a conjugação
infinitivo impessoal	cantar	vender	partir
infinitivo pessoal	cantar	vender	partir
	cantar-es	vender-es	partir-es
	cantar	vender	partir
	cantar-mos	vender-mos	partir-mos
	cantar-des	vender-des	partir-des
	cantar-em	vender-em	partir-em

Tabela 1: Desinências do infinitivo pessoal de verbos regulares no português

Após declararem o emprego do infinitivo pessoal uma questão bastante controvertida, Cunha & Cintra (2010: 485-486) observam casos em que se costuma empregar o infinitivo na forma flexionada, isto é, o infinitivo pessoal. Expõem quatro casos que os autores chamam de tendência, cada um com alguns exemplos.¹

¹ Nesta tese dá-se as páginas em que Cunha & Cintra viram casos de diferentes autores.

- A primeira tendência é quando o infinitivo tem um sujeito explícito; como no seguinte caso:

"Mas o curioso é *tu* não *perceberes* que não houve nunca ilusão alguma." (Cunha & Cintra, 2010: 485)

- A segunda tendência é quando o infinitivo flexionado indica um agente não expresso, mas que se quer explicitar através da desinência verbal:

"Acho melhor não *fazeres* questão." (Cunha & Cintra, 2010: 486)

- A terceira tendência ocorre quando uma indeterminação do sujeito é indicada pelo uso da terceira pessoa do plural:

"Ouvi *dizerem* que Maria Jeroma, de todas a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela pintura na cara, ganhara o sertão." (Cunha & Cintra, 2010: 486)

- A quarta tendência ocorre quando se quer frisar algo ou dar maior harmonia à frase:

"Tomar um tema e trabalhá-lo em variações ou, como na forma sonata, tomar dois temas e apô-los, fazê-los *lutarem*, *embolarem*, *ferirem-se* e *estraçalharem-se* e dar a vitória a um ou, ao contrário apaziguá-los num entendimento de todo repouso... creio que não pode haver maior delícia em material de arte." (Cunha & Cintra, 2010: 486)

Os autores da gramática concluem que a escolha entre o emprego do infinitivo pessoal ou impessoal depende da necessidade ou do intuito de apontar, por um lado, o agente da acção ou, por outro lado, apenas a acção em si (Cunha & Cintra, 2010: 487).

Quanto à origem do infinitivo pessoal, dizem que há algo excepcional no caso deste tempo verbal. Sob o título de 'formação dos tempos simples' explicam:

Com excepção do infinitivo pessoal, os tempos simples dos verbos portugueses correspondem a formações existentes no latim clássico ou no latim vulgar, que sofreram, com os séculos, naturais alterações fonéticas. O estudo dessa evolução é material que pertence à chamada gramática histórica e excede, naturalmente, os limites deste livro de natureza sincrónica. (Cunha & Cintra, 2010: 387)

O que esta afirmação nos revela? Em primeiro lugar que o infinitivo pessoal, na língua portuguesa, é incluído nos tempos simples dos verbos. Em segundo lugar que o infinitivo pessoal não corresponde diretamente a uma forma verbal existente no latim clássico. Porém, sempre pode ser uma forma que sofreu alterações naturais fonéticas, pois esta opção não é excluída. Isto é, sempre há a possibilidade de ter existido uma forma anterior, semelhante ao infinitivo pessoal, mas que evoluiu durante os séculos, formando o infinitivo pessoal na língua portuguesa. Quanto à forma nominal do verbo actual, no entanto, o infinitivo pessoal derivar-se-ia diretamente do infinitivo impessoal (Cunha & Cintra, 2010: 387). Porém, entre linguistas que estudam os tempos verbais e verbos portugueses ainda existem muitas dúvidas sobre a origem do infinitivo flexionado no português. Esta dúvida é uma que já existe há muito tempo e que até agora ainda não foi resolvida. Há, no entanto, hipóteses sobre a origem do infinitivo pessoal, com muitos argumentos de linguistas diferentes, tanto portugueses como brasileiros e até internacionais. Para verificar qual é a origem do infinitivo pessoal como forma nominal do verbo na língua portuguesa, mas com desinências indicando pessoa e número, vou tratar as duas hipóteses mais conhecidas no debate entre estes linguistas.

2.2 Duas hipóteses sobre a origem do infinitivo pessoal

Segundo as fontes consultadas na internet e em obras publicadas, geralmente há duas hipóteses que são aceites como prováveis em relação à origem do infinitivo pessoal. Em primeiro lugar, há a hipótese de Gamillscheg e Rodrigues². Segundo Santos Lindegaard (2010: par. 4), Gamillscheg e Rodrigues concluíram que o infinitivo pessoal tem origem numa forma verbal latina, sendo o imperfeito do subjuntivo, isto é, ‘conjunctivus imperfectum’ em latim. Um argumento deles é que o imperfeito do subjuntivo no latim tem quase a mesma forma que o infinitivo pessoal no português, quando se analisa a morfologia. Isto é, emprega-se o verbo com as desinências de *-em*, *-es*, *-et*, *-mus*, *-tis*, *-ent* no latim, ao passo que na língua portuguesa, *-es* na segunda pessoa e *-mos*, *-des*, *-em* para a primeira, segunda e terceira pessoas do plural. As semelhanças são muito claras. As únicas duas diferenças são que o português não conhece desinências na primeira e na terceira pessoa do singular em relação ao infinitivo pessoal, enquanto que no latim há desinências no imperfeito do subjuntivo para cada pessoa do singular e do plural. O que Gamillscheg e Rodrigues concluem parece fazer

² As obras de Gamillscheg e Rodrigues não estão disponíveis para estudantes na Holanda. Porém, as suas hipóteses são citadas em Santos Lindegaard (2010) e em Schaf Filho (2003).

bastante sentido (Santos Lindegaard, 2010: par. 4). Mas a pergunta agora é se o infinitivo pessoal português e o imperfeito do subjuntivo latino também são equivalentes no emprego do verbo. Esta pergunta muitos linguistas já se colocaram e isto iniciou uma grande pesquisa em torno do infinitivo pessoal. O outro argumento a favor desta hipótese é que a outra forma verbal no latim que expressa tempo passado no subjuntivo é o mais-que-perfeito do subjuntivo, isto é, ‘conjunctivus plusquamperfectum’ em latim (Schaf Filho, 2003: 58). Análises diferentes sobre a origem latina do infinitivo português resultaram num descobrimento notável. No período da evolução do latim clássico para o latim vulgar e do latim vulgar para o português arcaico, descobriu-se que a forma verbal do imperfeito do subjuntivo foi substituída pelo mais-que-perfeito do subjuntivo para indicar o tempo passado no modo subjuntivo. Em consequência disto, o imperfeito do subjuntivo foi desaparecendo lentamente da linguagem cotidiana e finalmente desapareceu por completo na mudança do latim vulgar para o português arcaico, ficando apenas a forma subjuntiva do mais-que-perfeito. Gamillscheg e Rodrigues supõem, no entanto, que este uso do imperfeito do subjuntivo não teria desaparecido simplesmente na evolução para o português, mas teria evoluído para o infinitivo pessoal. Um dos argumentos para isso é que um verbo no subjuntivo latino vem acompanhado na maior parte dos casos por uma conjunção. No latim esta conjunção era em quase todos os casos *ut*. O significado de *ut* é dependente do contexto em que se encontra. Quando *ut* está numa frase com um subjuntivo, significa 'de tal maneira que'. Assim, estes linguistas sugerem que a construção de *ut* com um imperfeito do subjuntivo latino lentamente desapareceu no latim vulgar e foi substituído pela construção de *ut* com um mais-que-perfeito do subjuntivo. A causa ou as causas desta evolução não são muito claras, infelizmente. Porém, esta hipótese de uma simplificação do latim clássico na Idade-Média é possível (Schaf Filho, 2003: 58). Esta hipótese até pode ser plausível porque, em primeiro lugar, o clero queria que qualquer pessoa conseguisse compreender os textos da Bíblia. Em segundo lugar, havia muita evolução na estrutura do latim, especialmente fora dos territórios de Itália e do império Bizantino. Assim há exemplos conhecidos em que, por causa da simplificação na evolução do latim, muitas desinências de caso foram substituídas pelo uso de mais preposições. Um exemplo é a frase: “*in sua manu*”. Isto significa: “na sua mão”. A estrutura no latim clássico deveria ser 'sua manu', porque a desinência *u* em 'manu' dá-lhe o aspecto ablativo. O que podemos ver aqui é que o latim na Idade-Média muda de uma língua sintética para uma língua analítica, já que as desinências são lentamente substituídas por construções com preposição. Pode-se também ver que quando conjunções como *ut* desaparecem numa frase, o verbo no imperfeito do subjuntivo mais ou menos perde a sua

função de subjuntivo, porque era através da conjunção que se lhe dava a função de subjuntivo. Em outras palavras, sem conjunção a forma verbal muda do modo subjuntivo para o modo indicativo ou para o modo infinitivo. Além disso, Gamillscheg e Rodrigues também indicam que houve uma supressão de conjunções nas orações subordinadas (Santos Lindegaard, 2010: par.5). Por isso, essas orações subordinadas pareciam infinitivas, mas na realidade eram finitas. O emprego do mais-que-perfeito do subjuntivo em vez do imperfeito do subjuntivo e o desaparecimento ou a supressão da conjunção *ut* com o imperfeito do subjuntivo é a razão para Gamillscheg e Rodrigues considerarem o imperfeito do subjuntivo latino como a origem do infinitivo flexionado (Santos Lindegaard, 2010: par.7).

A segunda hipótese sobre a origem do infinitivo pessoal, que é de José Leite de Vasconcelos³, diz que o infinitivo pessoal da língua portuguesa tem suas raízes na forma infinitiva do verbo no latim vulgar (Santos Lindegaard, 2010: par.5). O infinitivo pessoal ter-se-ia estabelecido em português no período em que o latim vulgar evoluiu para o português arcaico. Leite de Vasconcelos e seus partidários concluem, depois de analisar os textos do português arcaico, que o infinitivo pessoal ou flexionado já existia há muito tempo. O contexto em que o infinitivo aparecia nesta altura era decisivo para que o infinitivo recebesse desinência ou não. Leite de Vasconcelos menciona como exemplo a tendência em que não há um sujeito explícito antes do infinitivo pessoal, porém a desinência do verbo indica um sujeito. Por outras palavras, o infinitivo flexionado marca um sujeito que não está presente na frase (Schaf Filho, 2004: 56). Isto pode ser visto também como uma forma de 'pro-drop', significando que há um verbo flexionado sem sujeito explícito em forma de pronome. Além disso, o emprego de preposições tem um papel importante na admissão de desinências na forma do infinitivo. Alguns exemplos de preposições como *para*, *por*, *apesar de*, *ainda* podemos reconhecer facilmente e vemos estas preposições também na língua portuguesa moderna a introduzir um infinitivo pessoal. Contudo, apesar do infinitivo pessoal já existir no português arcaico, esta forma nominal do verbo não era muito usado nesse período. Mas ao longo dos séculos seguintes, esta tendência ficou mais forte e também o emprego do infinitivo pessoal sem preposição ficou sendo aceite mais e mais, até à situação de hoje em dia em que usamos o infinitivo pessoal tanto com como sem preposições.

³ A obra de Leite de Vasconcelos não está disponível para estudantes na Holanda. A sua hipótese pode-se encontrar em Santos Lindegaard (2010) e em Schaf Filho (2003).

2.3 O percurso das duas hipóteses

Depois das hipóteses de Gamillscheg e Rodrigues por um lado e Leite de Vasconcelos por outro lado, outros linguistas continuaram em seguir a análise e tentaram defender ou atacar estas duas hipóteses. Foram muitos os linguistas que analisaram a origem do infinitivo pessoal, mas vou tratar apenas alguns, que considero os mais importantes e interessantes e que são também mencionados com frequência noutros artigos e fontes que encontrei. Começo com o linguista Williams (1961) e sua obra *Do latim ao português*, que fala da evolução do latim para o português (2.3.1). Na verdade, é uma obra em que o autor mostra mudanças do latim clássico para o latim vulgar, para o português moderno. Há mudanças sobretudo nas áreas da fonética e da morfologia. Sigo depois com Maurer (1968) em 2.3.2, Saïd Ali (1971) em 2.3.3, Wireback (1994) em 2.3.4 e Martins (2001) e Schaf Filho (2003) em 2.3.5.

2.3.1 Williams (1961)

Na verdade, nesta obra fala-se sobretudo de mudanças nas áreas da fonética e da morfologia. Para descobrir a origem do infinitivo pessoal, é preciso analisar estas mudanças com base na morfologia. No capítulo em que Williams (1961: 186-188) trata os diferentes tempos verbais, todos os tempos verbais latinos evoluem para os tempos verbais portugueses. Além disso, o autor menciona as hipóteses de Gamillscheg e Rodrigues e Leite de Vasconcelos. Ele próprio supõe que o infinitivo pessoal foi derivado do imperfeito do subjuntivo do latim clássico, explicando que o mais-que-perfeito do subjuntivo começou a usurpar a função do imperfeito do subjuntivo no latim vulgar, mas que ambos os tempos verbais sempre eram usados como um imperfeito do subjuntivo em construções paralelas, segundo os documentos medievais latinos encontrados no território português (Williams, 1961: 186). Este facto pode reforçar a conclusão de Gamillscheg e Rodrigues, citado em Santos Lindegaard (2010: par.7), que diz que o português interpreta a forma do imperfeito do subjuntivo utilizada no latim de outra maneira (veja 2.3.5). Além disso, o autor supõe que, depois da substituição do imperfeito do subjuntivo pelo mais-que-perfeito do subjuntivo, o imperfeito do subjuntivo ainda continua a sobreviver como uma forma verbal infinitiva em expressões tal como *que fazer*, *tenho que fazer* e *não sei que fazer* e também como uma forma do infinitivo pessoal pela omissão de conjunções subordinativas (como *ut*) ou pela substituição de conjunções subordinativas por construções com preposições, por exemplo *plaguit nobis... in* (em vez de *ut*) *fazeremus*. Concluindo, segundo Williams (1961: 187), o

português arcaico teria deixado cair o imperfeito do subjuntivo do latim clássico em favor do infinitivo pessoal. Isto é uma hipótese plausível. Todavia, prova clara em favor de uma das duas hipóteses também não é dada por Williams (1961: 188).

2.3.2 Maurer (1968)

Maurer⁴ apoia a teoria de Leite de Vasconcelos (Schaf Filho, 2003: 57). Acrescenta ainda que, quando um infinitivo é acompanhado dum preposição na oração, isto também pode apontar para um caso nominativo na mesma oração e que neste caso e no uso diário da língua, um infinitivo então é flexionado, sendo uma forma finita. Segundo Santos Lindegaard (2010: 2), Maurer é de opinião que o infinitivo pessoal não pode originar de um ‘feio solecismo’. Porém, conforme Santos Lindegaard (2010: 2), a proposta dele é que, ao fim e ao cabo, também se baseia num ‘feio solecismo’. Apesar disso, Maurer supõe quatro fases de evolução do infinitivo não flexionado no latim clássico para o infinitivo flexionado no português, bem analisadas da seguinte maneira:

- (i) o aparecimento de infinitivo preposicionado no latim vulgar;
- (ii) a criação de uma oração infinitiva, normalmente preposicionada, com sujeito no caso nominativo;
- (iii) a transferência das desinências pessoais das formas finitas ao infinitivo, quando admitia sujeito nominativo;
- (iv) a expansão da forma flexionada nas construções nas quais se usava infinitivo invariável, ‘desde que pudessem ter um sentido pessoal claro ou latente’.

(Schaf Filho, 2003: 57)

Estas quatro fases são um marco importante na evolução do infinitivo pessoal e são muito citadas pelos linguistas posteriores que apoiam a hipótese de Leite de Vasconcelos (Schaf Filho, 2003: 57). É notável que depois de Maurer (1968), os linguistas começam a se concentrar nesta hipótese. Tenta-se debilitar a hipótese de Gamillscheg e Rodrigues (citado em Santos Lindegaard, 2010: 4) em favor da hipótese de Leite de Vasconcelos (citado em Schaf Filho, 2003: 57). Tenta-se também provar que o infinitivo pessoal tem outro contexto

⁴ A obra de Maurer não está disponível para estudantes na Holanda. A sua hipótese pode-se encontrar nos artigos de Santos Lindegaard (2010) e de Schaf Filho (2003).

do que o do imperfeito do subjuntivo e, em particular, a diferença entre o emprego com acompanhamento duma preposição em oposição ao emprego com acompanhamento duma conjunção.

2.3.3 Saïd Ali (1971)

Outro linguista importante no que diz respeito ao infinitivo pessoal é Saïd Ali (1971: 342-353). Ele explica em sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* o emprego do infinitivo pessoal, isto é, quais são os contextos em que o infinitivo pessoal deve ser utilizado. Os seguintes exemplos do autor ilustram estes contextos:

Quando um infinitivo, ao lado do verbo principal da frase, é empregado para individualizar uma acção com sujeito, se chama o infinitivo dum infinitivo pessoal.

Ex.

‘Somos ledas de *tu padeceres*⁵ por Christo.’

e

‘Menos mal he *saberem os pequenos* enganar que *poderem os grandes* por via de ignorantes ser enganados.

(Saïd Ali (1971: 342; ex. 1644)

A combinação da preposição *ao* + *infinitivo* é empregado em vez duma oração temporal com a conjunção *quando*.

Ex.

‘*Ao aproximar-se*, os dous exercitos de nuvens prolongaram-se.’

(Saïd Ali, 1971: 342; ex. 1645)

É notável nos exemplos de Saïd Ali (1971: 342) que o infinitivo aparece muitas vezes depois de preposições como *a*, *de* e *para* ou *por*. O autor infelizmente não dá a sua visão sobre a origem do infinitivo pessoal, portanto, esta fonte não nos ajuda no debate. O que se pode

⁵ Coloquei os infinitivos pessoais em itálico para destacá-los. Não se encontram em itálico na própria obra.

constatar, no entanto, é que o infinitivo pessoal, segundo os exemplos dados pelo autor, é antecedido por uma preposição. Não há uma ligação clara com a hipótese de Gamillscheg e Rodrigues, pois estes sugeriram, segundo Santos Lindegard (2010: par. 5), que o imperfeito do subjuntivo no latim aparecia em orações subordinadas e era precedido por conjunções como *ut*. Já foi explicado que, na hipótese de Gamillscheg e Rodrigues (Santos Lindegard, 2010: par. 3), a tradução no português de *ut* é *de tal maneira que*. Pode-se analisar e concluir que as preposições *a, de, por, para* nos exemplos de Saïd Ali (1971: 342; ex. 1644+1645) têm outras funções que a conjunção *ut* no latim. Além disso, o imperfeito do subjuntivo do latim e o infinitivo pessoal do português não partilham uma sintaxe semelhante, isto é, o imperfeito do subjuntivo latino apenas aparece na oração subordinada e o infinitivo pessoal pode aparecer tanto na oração subordinada como na oração principal.⁶ Também a diferença entre contextos gramaticais, isto é uma preposição com o modo indicativo/infinitivo e uma conjunção com o modo subjuntivo, oferece-nos um problema. Todavia, a hipótese de Leite de Vasconcelos (Schaf Filho, 2003: 57) em que o infinitivo pessoal tem suas raízes no infinitivo impessoal do latim vulgar, conjuga-se melhor com os exemplos dados por Saïd Ali (1971: 342; ex. 1644+1645). Um exemplo no latim é a construção em que há uma preposição, em geral sendo *per* ou *pro*, que introduz um infinitivo impessoal. Assim, os contextos gramaticais correspondem.

2.3.4 Wireback (1994)

Nos anos noventa do século vinte, novas análises foram realizadas. O linguista Wireback (1994: par. 3-4) elabora a proposta de Gamillscheg e Rodrigues, admitindo que as conclusões de Maurer são boas, mas também que ainda há outras opções quando se analisa os contextos dos dois tempos. Em primeiro lugar, ele propõe que há três condições a que a hipótese deve atender para ser plausível:

- 1) that there be another verb form with which the uninflected infinitive can be related analogically;
- 2) that there be a similar syntactic context where both the impersonal infinitive and the other verb form occur in order to allow the morphological transfer;

⁶ Neste segundo exemplo, o verbo *saberem* é considerado o verbo da oração principal que antecede a oração subordinada *Os pequenos enganar*; e o verbo *poderem* é considerado o verbo da oração principal que antecede a oração subordinada *Os grandes por via de ignorantes ser enganados*.

3) that this syntactic context also exist in Old Portuguese.

(Wireback, 1994: par. 4)

Quando analisamos as condições de Wireback, torna-se claro que a hipótese de Gamillscheg e Rodrigues (Wireback, 1994: par. 3) não atende à regra três. O contexto sintático do imperfeito do subjuntivo no latim não é igual ao contexto do infinitivo pessoal no português arcaico, porque o infinitivo pessoal não aparece em orações que expressam acções com objetivo consciente ou volitivo, isto é, em orações volitivas (Wireback, 1994: par. 3). Por exemplo, *'rogavi (ut) scriberes'* é uma oração volitiva no latim, mas o português não permite uma construção equivalente com o infinitivo pessoal, assim como **'pedi escreveres'*. Além disso, o autor declara que a hipótese de Leite de Vasconcelos também tem seus pontos fracos:

The imperfect subjunctive theory cannot satisfy the third requirement, because the context of the morphological transfer from the imperfect subjunctive to the uninflected infinitive, volitional clauses, do not permit the inflected infinitive in Old Portuguese. More importantly, the creative approach cannot satisfy the second requirement, because the future subjunctive and the inflected infinitive do not share the same syntactic environment. (Wireback, 1994: par. 4)

Em consequência disto, Wireback (1994: par. 4) apoia a hipótese de Maurer que diz que o infinitivo pessoal teria a sua origem no futuro do subjuntivo do português, baseando-se na morfologia, porque os dois tempos verbais têm desinências semelhantes. Contudo, esta proposta atende às condições um e três, mas não à condição dois. O infinitivo pessoal português e o futuro do subjuntivo português não vêm acompanhados pelas mesmas preposições e, por isso, não partilham o mesmo contexto gramatical. Se o futuro do subjuntivo tivesse evoluído para o infinitivo flexionado, deveria haver uma correspondência sintáctica entre as duas formas, divergindo apenas na morfologia e, talvez, no uso duma conjunção na construção. Porém, há pouca sobreposição entre as duas formas. Enquanto o futuro do subjuntivo é antecedido por advérbios como *quando*, *logo que* ou a conjunção *se*, isto não é o caso com o infinitivo pessoal. Só a conjunção *depois que* pode ser substituída por *depois de* e então aparece antes das duas formas verbais. Mas apenas um único contexto semelhante a atestar isto é pouco significativo para o futuro do subjuntivo ser considerado como a origem do frequente uso do infinitivo pessoal:

If an extension of the future subjunctive's person/number morphology to the uninflected infinitive is postulated, there must be cases in which the future subjunctive and the uninflected infinitive form the syntactic equivalent of a minimal pair - differentiated only by verb morphology and perhaps a conjunction. There is, however, very little overlap in this regard. Since the future subjunctive occurs after adverbials like *quando*, 'when,' and *logo que*, 'as soon as', and after the conjunction *se*, 'if', whereas the inflected infinitive does not, one of the few shared contexts available is following *depois*, 'after.' If the future subjunctive extended its morphology to the uninflected infinitive, this would be the only context in which the extension could occur. Although it is possible, only one context seems an unlikely origin to such a widespread verb form. (Wireback, 1994: par. 4)

Esta conclusão no debate é notável. Rejeitando a crítica quanto à hipótese de Gamillscheg e Rodrigues (Wireback, 1994: par. 3), o autor ainda sugere que o imperfeito do subjuntivo do latim pode ser a origem do infinitivo pessoal. Aqui não analisa as orações volitivas, mas analisa as orações subordinadas adverbiais de fim (veja também Cunha & Cintra, 2010: 153), isto é, orações que indicam finalidade, propósito para o que acontece na oração principal:

'id tibi dedi ut memor esses' =
'dei-te para que te lembrasses' no caso dum imperfeito do subjuntivo e
'dei-te para te lembrares' no caso dum infinitivo pessoal (Wireback, 1994: par. 6).

Ut desaparece no latim vulgar e as orações subordinadas latinas juntam-se com preposições como *per* e *pro*, semelhante a *por* e *para* nas orações subordinadas portuguesas (Wireback, 1994: par. 6). Para a sua análise, o autor compara a frequência do uso de preposições diferentes com o infinitivo pessoal. O resultado da análise é que as preposições *per* e *pro* ou *por* e *para* são usadas com infinitivo pessoal duas vezes mais frequentemente do que as outras preposições. Com isso, Wireback (1994: par. 6) demonstra que a influência das orações subordinadas adverbiais de fim pode ter sido grande na origem do infinitivo pessoal. Quando analisamos a transição do imperfeito do subjuntivo latino para o infinitivo pessoal português, notamos que no uso das duas formas verbais em orações subordinadas adverbiais de fim, os contextos das duas formas são semelhantes. Wireback (1994: par. 6) conclui, na sua última análise, que a hipótese de Gamillscheg e Rodrigues (citado em Wireback, 1994: par. 3) atende

às três condições já oferecidas. Também conclui que as preposições no latim, que antecedem o imperfeito do subjuntivo em vez da conjunção *ut*, foram desaparecendo e sendo substituídas por preposições usadas na língua portuguesa. Wireback (1994: par. 6) enumera cinco fases na evolução:

1. O desaparecimento da conjunção *ut* e mudanças fonológicas fazem o imperfeito do subjuntivo latino parecer um infinitivo flexionado, com base na construção sintática e na morfologia.
2. O emprego desta forma em orações subordinadas proporcionais coincide com o emprego do infinitivo não flexionado nestas mesmas orações.
3. A intercambialidade dos dois tempos verbais em orações subordinadas proporcionais permite os infinitivos proporcionais não flexionados adoptarem a morfologia do imperfeito subjuntivo latino e reforça a identidade do imperfeito do subjuntivo como uma forma infinitiva.
4. Os infinitivos proporcionais flexionados e não flexionados são incorporados no padrão de preposição-com-infinitivo, adicionando as preposições *per* e *por* que correspondem à tendência das línguas românicas para estruturas analíticas.
5. Dos contextos das conjunções subordinativas proporcionais originais, a flexão do infinitivo espalhou-se para outros contextos post-preposicionais, por exemplo com a locução prepositiva depois *de*, e finalmente para os contextos não preposicionais no português moderno.

2.3.5 Martins (2001) e Schaf Filho (2003)

Depois de Wireback (1994), houve dois outros linguistas que se juntaram ao debate sobre o infinitivo pessoal. É interessante mencioná-los porque publicaram sobre desenvolvimentos recentes na pesquisa sobre a origem do infinitivo pessoal. Estes linguistas são Martins da universidade de Lisboa/Portugal e Schaf Filho da universidade de Santa Catarina/Brasil.

Martins (2001: 208-218) analisa e conclui que as hipóteses de Gamillscheg e Rodrigues e Leite de Vasconcelos não se conciliam, mas também não se excluem. Na base da publicação em que analisa o uso do infinitivo pessoal no português arcaico e moderno, explica:

On the assumption that Old Portuguese inflected infinitives were in a way more finite-like than they are in Modern Portuguese, we find support for the hypothesis that traces its origin back to a Latin finite form of the verb, namely the imperfect subjunctive. In contrast, this analysis does not seem to be compatible with the hypothesis according to which the inflected infinitive developed from the simple infinitive. (Martins, 2001: 218)

Baseando-se nestas conclusões, propõe um compromisso. As duas hipóteses já existentes alternam-se e, assim, se conciliam. Segundo a linguista:

The change from Old Portuguese to Modern Portuguese can be viewed as a movement of the inflected infinitive, born from the imperfect subjunctive, in the direction of the simple infinitive. This would be motivated by the presumably marked character of an infinitive having an active (i.e. assigning nominative case) feature. (Martins, 2001: 218)

Resumindo, Martins (2001: 219) não dá uma solução definitiva no que respeita o debate sobre a origem do infinitivo pessoal, assim como Schaf Filho (2003: 55) também não a dá. Contudo, o compromisso em que as duas hipóteses poderiam ser conciliantes é uma sugestão interessante para o debate. A linguista propõe que analisar o emprego e a evolução da forma infinitiva nas outras línguas românicas, além do português e do galego, seria uma boa opção. Todavia, há uma suposição recorrente nas obras de Martins (2001) e Schaf Filho (2003) que defende que é muito mais plausível que o infinitivo pessoal tenha uma relação profunda e forte com o latim vulgar. Mas não é claro se esta relação se liga ao imperfeito do subjuntivo latino ou ao infinitivo simples do latim vulgar.

O aspecto linguístico do infinitivo pessoal foi analisado mais profundamente por Schaf Filho (2003: 55), que propõe que o facto de que o infinitivo latino usado na Idade-Média podia indicar um caso nominativo - o que era o caso em diferentes países de línguas românicas - fez com que o infinitivo latino fosse interpretado de maneiras diferentes nas regiões românicas, seja finito ou infinito. Isto abriu a porta a uma forma flexionada do infinitivo no português. Além disso, as conjunções do latim eram convertidas em outras conjunções românicas ou então as conjunções simplesmente caíam:

Nos exemplos, logo abaixo, podemos observar o fenómeno da supressão de

conjunções como *ut, ne, quod, quia, quo etc.* No português, muitas vezes, a opção é pelo emprego de preposição + [InfP]. A conjunção *ut* teria sofrido esvaziamento semântico no latim vulgar, passando a ser omitida ou substituída gradativamente por equivalentes mais vulgares como *quod*. (Schaf Filho, 2003: 55)

Estes dois desenvolvimentos nas línguas românicas reforçam a hipótese que o infinitivo pessoal no português deriva do infinitivo impessoal latino, bem como do imperfeito do subjuntivo latino. Schaf Filho (2003: 56-58) supõe, por isso, que o infinitivo pessoal tem provavelmente as suas raízes no latim. Diz que, no entanto, não apoia nem a hipótese de Gamillscheg e Rodrigues nem a hipótese de Leite de Vasconcelos, porque não há evidência clara para provar uma das duas hipóteses. Além disso, não podemos esquecer, segundo Schaf Filho (2003: 62), a influência dos dialetos latinos na parte ocidental da Península Ibérica. A possibilidade que o infinitivo pessoal seja descendente do dialeto galego também está presente e, por conseguinte, Schaf Filho (2003: 60) chama ao debate sobre o infinitivo pessoal uma ‘polêmica sem fim’.

2.4 Pergunta base

Vimos que há duas hipóteses sobre a origem do infinitivo pessoal português. Uma é que o infinitivo pessoal deriva do imperfeito do subjuntivo latino, segundo Gamillscheg e Rodrigues (Santos Lindegaard, 2010: 5); a outra é que deriva do infinitivo simples do latim vulgar, segundo Leite de Vasconcelos (Santos Lindegaard, 2010: 5). Muitos linguistas pesquisaram este assunto, criando um debate que dividiu os linguistas em dois campos. Além disso, também com base nas línguas românicas do ocidente da Península Ibérica como o galego, outras línguas românicas foram propostas por alguns linguistas e isto criou novas visões sobre o debate. Seguindo as propostas diferentes, a hipótese de Leite de Vasconcelos, que defende que o infinitivo pessoal português era derivado do infinitivo impessoal do latim vulgar, seria a mais plausível. Nesta pesquisa quero analisar, no entanto, se o infinitivo flexionado português realmente foi uma evolução do emprego do imperfeito do subjuntivo latino, de acordo com o que Gamillscheg e Rodrigues supunham com o seu exemplo “*et intrarunt in placito testimoniale pro in tertio die darent testes*”⁷ (Santos Lindegaard, 2010: 4).

⁷ Tradução de Santos Lindegaard (2010: par. 4): “e começaram a audiência para, no terceiro dia, providenciarem testemunhas.”

Nesta tese de licenciatura a pergunta base é:

O infinitivo pessoal da língua portuguesa tem sua origem numa evolução do emprego do imperfeito do subjuntivo latino ou do emprego do infinitivo não flexionado latino?

A hipótese é:

(1) Se o infinitivo pessoal tiver sua origem no imperfeito do subjuntivo latino ou no infinitivo não flexionado latino, os primeiros indícios para tal poderiam aparecer em textos latinos de estudiosos ibéricos da Alta Idade Média.

(2) Se o infinitivo pessoal ou uma forma parecida no mesmo contexto sintático não puder ser atestado em textos latinos da Alta Idade Média, talvez possa ser atestado em textos do latim vulgar da Baixa Idade Média.

(3) Se o infinitivo pessoal só puder ser atestado em textos do português arcaico, sabe-se que este tempo e modo verbal está presente desde o início da língua portuguesa escrita, mas continua-se a não saber a sua origem.

3. Método de pesquisa

No capítulo 2 foram tratados estudos sobre a origem e a evolução do Infinitivo Pessoal na língua portuguesa e terminou-se com a pergunta base desta pesquisa que é, como se encontra em 2.4, se o infinitivo pessoal português sempre tem as suas raízes na língua latina. Se não, quando é que aparece e como se desenvolve então. Para responder à pergunta base e às perguntas adicionais, também tenho de fazer a seguinte pergunta: se o imperfeito do subjuntivo nos textos latinos é empregado nos mesmos contextos que o infinitivo português nos textos do português arcaico. Com base numa série de textos latinos medievais e em português arcaico, far-se-á uma análise, comparando os contextos em que o infinitivo flexionado português e o imperfeito do subjuntivo latino aparecem. Visto que se trata textos da Alta Idade Média (séculos VI-XI), da Baixa Idade Média (séculos XII-XVI) e do galego-português, a elaboração numa ordem cronológica será prática. Farei uso de principalmente duas fontes.

A primeira fonte de textos é em latim vulgar. O autor é Isidoro Hispalensis, o autor mais conhecido na Península Ibérica no século VI depois de Cristo. Muitos livros e textos medievais são baseados neste autor do século VI. Os textos que vou analisar de Isidoro Hispalensis (s/d) são as *Etymologias* ou '*Etymologiae*' no latim. Nestes textos, o autor exprime a sua visão sobre as '*Artes Liberales*'. Segundo Isidoro (s/d: Liber I), há sete artes: a gramática, a retórica e a dialéctica que fazem parte do 'trivium'; e a aritmética, a geometria, a astronomia e a música que fazem parte do 'quadrivium'. Aqui não é necessário fazer uma diferença em períodos e tipos de texto, porque a obra *Etymologiae* foi publicada pela primeira vez no século VI e diz respeito à doutrina cristã desse período. Mas o facto de Isidoro Hispalensis ser residente na Península Ibérica desperta o nosso interesse, ou seja, o seu emprego do latim escrito possivelmente é mais relacionado ao português e espanhol arcaico, ao passo que o emprego do latim por autores de outras áreas como Gália (França), Germânia (Alemanha) ou Roma não o será. Se o Infinitivo Pessoal no português não vem já do latim geral, mas do latim vulgar iberico, seria possível encontrar as raízes do infinitivo flexionado português na *Etymologiae* de Isidoro Hispalensis.

A segunda fonte é a colecção de textos de Leite de Vasconcelos (1907), o linguista que também colocou a hipótese que o infinitivo pessoal evoluiu do infinitivo não flexionado no latim vulgar. Os *Textos Arcaicos* (Leite de Vasconcelos, 1907) são uma colecção de textos escritos em português arcaico. Leite de Vasconcelos colecionou e estudou textos dos séculos X a XVI. Sua ideia era que a análise destes textos poderia ser útil para as cadeiras de

fonologia. Com efeito, ele foi professor de Fonologia no Departamento de Linguística da Universidade de Lisboa. Hoje em dia, a colecção de textos arcaicos ainda é aconselhada por muitos linguistas para análises. Ilustram não somente a evolução da língua portuguesa, mas também as características típicas da língua portuguesa nestes séculos.

Leite de Vasconcelos optou por uma colecção de textos diferentes. Há textos que são cartas, textos que são títulos de venda, textos poéticos, doações e testamentos de mosteiros portugueses, estórias e crónicas de reis portugueses. Para esta pesquisa, serão escolhidos textos das diferentes categorias. Assim, pode-se analisar a frequência do infinitivo pessoal em diferentes tipos de texto, por exemplo, se há mais infinitivos flexionados em cartas do que em crónicas. É importante saber isto, porque assim é possível descobrir mais sobre a aplicabilidade do e os contextos em que o infinitivo flexionado era usado nos textos arcaicos portugueses da Alta e da Baixa Idade Média. Além disso, divide-se os textos segundo os séculos. Assim, a evolução do emprego do infinitivo flexionado durante os séculos pode tornar-se mais clara. Também se tenciona analisar em que períodos o emprego do infinitivo pessoal foi mais e menos frequente. Distinguir entre séculos e períodos explicará a evolução do infinitivo flexionado a partir da Alta Idade Média até ao português do século XVI.

Ao analisar os contextos dos infinitivos flexionados, dos infinitivos não flexionados e do imperfeito do subjuntivo latino, tenciona-se prestar atenção em particular ao emprego de preposições e de conjunções nestes mesmos contextos. Isto é importante, porque há grandes diferenças entre o emprego e os contextos gramaticais de ambas as classes de palavras. Preposições, geralmente, introduzem infinitivos flexionados no português moderno; conjunções, ao contrário, introduzem formas subjuntivas. Além disso, um infinitivo flexionado no português moderno nunca pode ser introduzido por uma conjunção, só pode ser introduzido por uma preposição ou então aparece sem preposição (Cunha & Cintra, 2010: 485). Visto que do infinitivo flexionado e do imperfeito do subjuntivo latino, as desinências se assemelham, deverá haver uma clara distinção entre o emprego de preposições e de conjunções. Por exemplo, no caso em que uma forma semelhante ao infinitivo flexionado é encontrada, esta não pode ser um infinitivo flexionado quando vem acompanhada duma conjunção.

4. A análise

A análise começa com os textos em latim vulgar das *Etymologiae* (Hispalensis, s/d) em 4.1. Em seguida, continuo com os textos no português arcaico de Leite de Vasconcelos (1907) em 4.2. Este autor inicia a sua obra com textos no latim bárbaro, um termo que é preciso explicar primeiro (veja 4.2.1). Em 4.3 virá a análise dos textos no galego-português, seguido pela comparação entre os exemplos latinos, portugueses arcaicos e galego-português. Não somente analiso exemplos galego-portugueses porque Leite de Leite de Vasconcelos (1907: 72-79) os trata nos Textos Arcaicos, mas também porque já encontrei, nestes exemplos, concordâncias com a forma e o contexto em que o infinitivo flexionado pode aparecer no português. Na última parte da análise, em 4.4, há as conclusões preliminares.

4.1 As *Etymologiae*

A primeira fonte que quero analisar nesta tese é as *Etymologiae* de Isidoro Hispalensis (veja Capítulo 3). Hispalensis (s/d) empregou muitas formas de tempo, modo e número nos verbos. Mas para esta tese o imperfeito do subjuntivo vai ser a forma verbal mais importante a ser analisada para poder fazer uma comparação com os textos de Leite de Vasconcelos (1907) de séculos posteriores. O imperfeito do subjuntivo latino seria o ancestral do infinitivo flexionado no português, segundo Gamilscheg e Rodrigues (citado em Santos Lindegaard, 2010: 3). A construção de *ut* com um imperfeito do subjuntivo desapareceu rapidamente do latim vulgar e linguistas sugeriram que esta forma ainda aparece no português arcaico, mas sendo um infinitivo flexionado (Santos Lindegaard, 2010: 3). Trata-se agora casos destes no primeiro livro das *Etymologiae* de Hispalensis (s/d). Além disso, procuro achar mais casos como o exemplo seguinte:

'et intrarunt in placito testimoniale pro in tertio die darent testes'

(Santos Lindegaard, 2010: 3)⁸

Farei isto também na obra de Hispalensis (s/d), em que encontrei pelo menos um contexto de *ut* + verbo subjuntivo onde parece ter sido substituído por um contexto duma preposição + verbo no modo infinitivo.

⁸ Tradução de Santos Lindegaard: 'e começaram a audiência para, no terceiro dia, providenciarem testemunhas'.

Liber I; XXIV. de notis militaribvs; linha {1}:

(1) In breviculis quoque, quibus militum nomina continebantur, propria nota erat apud veteres, *qua inspiceretur* quanti ex militibus *superessent* quantique in bello *cecidissent*. (Hispalensis, s/d: Liber I)⁹

Este exemplo indica três imperfeitos do subjuntivo numa frase subordinada que não é introduzida por uma conjunção, mas por um pronome relativo, sendo *qua*. Porém, os três imperfeitos do subjuntivo nesta frase não parecem ser uma evidência clara para uma forma do infinitivo pessoal. Os três subjuntivos estão numa oração subordinada relativa e são introduzidos pelo pronome relativo *qua*. Por outro lado, este exemplo se conjuga com a proposta de Gamillscheg e Rodrigues (Santos Lindegaard, 2010: 4) que dizem que a estrutura do emprego de conjunções com subjuntivos no latim pode ter desaparecido no latim vulgar. O exemplo dado por eles, em que a conjunção *ut* falta mas traz a preposição *pro*, introduzindo um infinitivo pessoal português, parece ter semelhanças com este caso. A diferença é que este caso não contém uma preposição como Gamillscheg e Rodrigues (Santos Lindegaard, 2010: 4) propunham, mas um pronome relativo que introduz um imperfeito do subjuntivo. Isto indica também que *inspiceretur*, *superessent* e *cecidissent* são subjuntivos e não são infinitivos pessoais.

Liber III; XXI. de secvnda divisione, qvae organica dicitvr; linha {3}

(2) Tyrrhenusque tubae mugire per aethera clangor. (Hispalensis, s/d: Liber III)¹⁰

⁹ Tradução minha: Também nos registros, em que os nomes dos soldados eram incluídos, havia uma nota especial dos nossos ancestrais, em que era investigada quantos soldados sobreviviam e quantos morriam na guerra.

Tradução inglesa de Barney et al (2006): The ancients also used a special sign in the rosters that contained the names of soldiers; by this sign it could be seen how many of the soldiers were still alive and how many had fallen in battle.

¹⁰ A tradução minha: E as trombetas tocadas por Thyrrenus a soarem pelo ar.

Tradução inglesa de Barney et al (2006): And the Etruscan blaring of the trumpets (*tuba*) bellowed through the air.

Este caso é um caso de dúvida. *Mugire* é um verbo infinitivo, mas funciona como um verbo finito, segundo a tradução inglesa e a tradução minha. Além disso, *mugire* está no tempo presente, mas a tradução inglesa de Barney et al (2006) tradu-lo como um imperfeito do infinitivo. Então, segundo a tradução inglesa e a tradução minha, *mugire* tem contextos gramaticais semelhantes com o infinitivo pessoal português.

Liber III; L. de cvrsv solis; linha {1}

(3) Solem per se ipsum *moveri*, non cum mundo *verti*. (Hispalensis, s/d: Liber III)¹¹

Vê-se neste caso dois infinitivos passivos: *moveri* e *verti*. Encontra-se uma frase na voz passiva: *solem* está no caso acusativo, mas funciona como sujeito; os infinitivos *moveri* e *verti* são formas verbais passivas que funcionam como verbos finitos e os agentes destas orações são *ipsum* e *mundo*, ligados com as preposições *per* e *cum*. Porém, a construção passiva dum particípio passado com um verbo auxiliar foi substituída, neste caso, por um infinitivo não flexionado na voz passiva e esta substituição não é conhecida na língua portuguesa.

Liber V; XXX. de diebvs; linha {8}

(4) Proinde autem ex his septem stellis nomina dierum gentiles dederunt, eo *quod per* eosdem aliquid sibi *effici existimarent*, dicentes habere a Sole spiritum, a Luna corpus, a Mercurio ingenium et linguam, a Venere voluptatem, a Marte sanguinem, a Iove temperantiam, a Saturno humorem. (Hispalensis, s/d: Liber V)¹²

¹¹ Tradução minha: O sol se move por si só e não vira com o mundo.

Tradução inglesa de Barney et al (2006): The sun moves under its own power, and does not turn with the universe.

¹² Tradução minha: Por isso, os pagões deram os nomes das sete estrelas aos dias, porque pensavam que eram afetados de uma forma por estas estrelas, dizendo que têm o seu espírito do sol, o seu corpo da lua, a sua inteligência e sua língua de Mercúrio, o seu prazer de Vênus, o seu sangue de Marte, a sua moderação de Júpiter e os seus humores (corporais) de Saturno.

Tradução inglesa de Barney et al (2006): Hence the pagans took the names of the days from these seven stars because they thought that they were affected by these stars in some matters, saying that they received their spirit from the sun, their body from the moon, their intelligence and speech from Mercury, their pleasure from Venus, their blood from Mars, their disposition from Jupiter, and their bodily humors from Saturn.

Neste caso, o imperfeito do subjuntivo *existimarent* é introduzido pela conjunção *quod* e não pela preposição *per*. A preposição *per* forma uma construção com o pronomen *eosdem*.

O infinitivo não flexionado *effici* pode ser um equivalente do infinitivo pessoal português, porque, segundo a tradução inglesa e a tradução minha, *effici* foi usado como um verbo finito, tendo o mesmo sujeito que o imperfeito do subjuntivo *existimarent*. Esta construção em que há um caso nominativo com um infinitivo era uma construção conhecida no latim clássico e vulgar.

Liber VIII; XI. de diis gentivm; linha {46}

(5) Ideo et mercibus *praeesse*, quia inter vendentes et ementes sermo fit medius. Qui ideo fingitur habere pinnae, quia citius verba discurrunt. Vnde et velox et errans inducitur: alas eius in capite et in pedibus *significare* volucrum fieri per aera sermonem. (Hispalensis, s/d: Liber VIII)¹³

Segundo a tradução inglesa de Barney et al (2006), *praeesse* faz parte duma construção de acusativo com infinitivo, no entanto, o caso acusativo é 'coberto' neste exemplo.

Encontram-se mais dois infinitivos, '*significare*' e '*fieri*', também numa construção de acusativo com infinitivo, os acusativos sendo *alas* e *sermonem* e os infinitivos *significare* e *fieri*.

¹³Tradução minha: Diz-se que ele também preside em comércio, porque o meio (comunicativo) entre vendedores e compradores é discurso. Então ele é imaginado ter asas, porque palavras correm muito rápido. Por que é também representado como (é) rápido e vagante: as asas na sua cabeça e nos pés indicam discurso voando pelo ar.

Tradução inglesa de Barney et al (2006): He is also said to preside over commerce (*merx*, gen. *mercis*), because the medium between dealers and buyers is speech. So he is imagined to have wings, because words run to and fro quickly. Whence also he is represented as rapid and roving; the wings on his head and feet signify speech taking flight through the air.

Liber VIII; XI. de diis gentivm; linha {65}

(6) Quod Corybantes eius ministri cum strictis gladiis esse finguntur, ut significetur *omnes* pro terra sua *debere* pugnare. (Hispalensis, s/d: Liber VIII)¹⁴

Uma contrução do acusativo com um infinitivo é notável aqui: '*omnes debere pugnare pro terra sua*'. *Omnes* é o sujeito da oração subordinada final e *debere* é o verbo finito.

Liber IX; VII. de conivgiis; linha {30}

(7) Proinde et veteres voluerunt *feminas innuptas, quamvis* perfectae aetatis *essent*, propter ipsam animi levitatem in tutela *consistere*. (Hispalensis, s/d: Liber IX)¹⁵

O imperfeito do subjuntivo *essent* é introduzido por *quamvis*, que é um advérbio, sendo uma oração subordinada, e isto indica que não partilha o mesmo contexto com um infinitivo pessoal. Também se pode encontrar uma construção dum acusativo com infinitivo: '*Veteres voluerunt feminas innuptas (acusativos) in tutela consistere (infinitivo)*.'

Resumindo, apesar da relativa ausência da construção *ut* com um imperfeito do subjuntivo, é notável que a conjunção *ut* ainda aparece muitas vezes nas *Etymologiae*, mas na maioria dos casos a conjunção *ut* é acompanhada por um presente do subjuntivo ou então por um mais-que-perfeito do subjuntivo. Além disso, verifica-se várias vezes a construção dum advérbio ou pronome relativo com um imperfeito do subjuntivo (c.f. (1)). Esta construção também existia no latim vulgar, porém não contendo um contexto sintático semelhante ao do infinitivo pessoal em português, mas contendo um contexto sintático semelhante ao dos subjuntivos latinos. Finalmente, tratou-se a construção de *pro* e *per* com infinitivo pessoal,

¹⁴ Tradução minha: Os Corybantes, seus servos, são visualizados com espadas, para significar que todos devem lutar por sua terra.

Tradução inglesa de Barney et al (2006): The Corybantes, her servants, are imagined with swords to signify that everyone ought to fight for his own land.

¹⁵ Tradução minha: Por isso, os (nossos) ancestrais quiseram que as suas mulheres solteiras, mesmo que fossem de idade madura, vivessem em tutela, por causa de suas mentes inconstantes.

Tradução inglesa de Barney et al (2006): Consequently, the ancients wanted their unwed women, even those of mature age, to live in guardianship, on account of their fickle minds.

como Gamillscheg e Rodrigues sugerem (Santos Lindegaard, 2010: 3). Infelizmente, esta construção não foi encontrada nas *Etymologiae*.

No entanto, estes resultados são pouco significativos e indicam que a conclusão de Gamillscheg e de Rodrigues (Santos Lindegaard, 2010: 5) falha com respeito à origem do infinitivo flexionado. Eles propõem também que o emprego do imperfeito do subjuntivo na construção com a conjunção *ut* diminui na época do latim vulgar. Esta asserção parece ser correcta, pois é conforme a minha análise. O emprego da construção do imperfeito do subjuntivo com a conjunção *ut* foi substituído pelo emprego do mais-que-perfeito do subjuntivo com *ut* e o imperfeito do subjuntivo nesta construção desaparece da língua latina.

Além disso, Gamillscheg e Rodrigues propõem que o imperfeito do subjuntivo latino sempre existia no português arcaico, não sendo um imperfeito do subjuntivo, mas sendo um infinitivo flexionado e que os contextos sintácticos em que o imperfeito do subjuntivo latino e o infinitivo flexionado português aparecem são equivalentes (Schaf Filho, 2003: 58). Porém, esta última asserção de Gamillscheg e Rodrigues não concorda com os resultados da minha análise. Na minha análise, o imperfeito do subjuntivo latino ainda aparece a ser introduzido por uma conjunção ou um advérbio e o infinitivo flexionado é introduzido por uma preposição ou vem sem uma preposição. O imperfeito do subjuntivo latino está no modo subjuntivo e o infinitivo flexionado português está no modo indicativo. Esta diferença torna uma concordância em contextos dos dois tipos impossível.

Casos (2), (3) e (4) são notáveis pelo uso de infinitivos como verbos finitos nestas frases. As traduções destes casos para inglês indicam que os infinitivos são infinitivos pessoais que têm um sujeito. Estes três casos são duvidosos, mas é certo que os contextos gramaticais destes têm semelhanças com o contexto gramatical do infinitivo pessoal.

Além disso, há os casos (5), (6) e (7) em que uma construção dum acusativo com um infinitivo aparece. Esta construção também mostra semelhanças com o contexto gramatical do infinitivo pessoal, visto que os casos acusativos nestes exemplos funcionam como sujeitos e os infinitivos impessoais funcionam como verbos finitos.

4.2 Textos portugueses arcaicos

São tratados aqui com exemplos dos *Textos Arcaicos* de Leite de Vasconcelos (1907), a partir do século IX, passando pelos séculos X, XII, XIII e XIV, até ao século XV. Os

exemplos vão do latim bárbaro ao português arcaico. Mas começa-se, antes de mais, com a definição do termo 'latim bárbaro'.

4.2.1 A diferença entre latim bárbaro e latim vulgar

O termo 'latim bárbaro' é um pouco misterioso. Facto é que o termo foi usado frequentemente durante os séculos IX até XIII e, além disso, Leite de Vasconcelos (1907: 9) também usa este termo com frequência. Porém, o termo não é muito claro. Poderia ser um sinónimo de latim vulgar, por exemplo? Emiliano (2007) investigou este fenómeno e concluiu que o latim bárbaro e o latim vulgar não são iguais, mas têm concordâncias, explicando no seu artigo que o termo 'latim bárbaro' é usado pelos historiadores e filólogos para designar a língua escrita dos documentos notariais redigidos entre os séculos IX e XIII. Francisco Adolpho Coelho, fundador da filologia portuguesa, chama o termo de uma 'gíria de tabelliães e da gente da igreja', porque o latim bárbaro foi preservado na escrita portuguesa durante vários séculos (Emiliano, 2007: 2). Podemos dizer que era uma tradição 'escritural viva'. No entanto, depois da Reforma Gregoriana, o termo 'latim bárbaro' desapareceu e foi substituído por 'latino romance' para designar a língua dos documentos notariais. Este 'latino romance' poderia ser considerado uma escrita 'proto-portuguesa', segundo Emiliano (2007: 2), mencionando João Pedro Ribeiro, que também investigou a origem de latim bárbaro. Há dois aspectos na perspectiva de João Pedro Ribeiro que são notáveis. O primeiro é que:

Para ele a língua dos documentos notariais produzidos entre os séculos IX e XIII era uma forma bárbara e corrupta de latim, era latim, portanto — note-se a equivalência das expressões «Latim barbaro» e «Latim corrupto», equivalência que a expressão complexa «Latim barbaro e corrupto» confirma. (Emiliano, 2007: 4)

O segundo aspecto é que:

O português medieval escrito, caracterizado segundo Ribeiro pela sua «gradual polidez» foi a causa do abandono do latim bárbaro como língua escrita de registo (durante o reinado de Dom Denis, 1261-1325). (Emiliano, 2007: 4)

Além disso, o latim bárbaro pode ser visto como uma 'espécie de latim', à parte do latim clássico de Caesar Augusto e também como um 'resabio' do latim vulgar (Emiliano, 2007: 4). Este último facto indica que o termo 'latim bárbaro' não era usado no mesmo período e com o mesmo significado que o latim vulgar. Mas era um produto do latim vulgar, concordando nas áreas da sintaxe, do léxico, da morfo-sintaxe e da grafia dos documentos.

4.2.2 Séculos IX-XII

Quatro textos em latim bárbaro estão presentes nestes séculos. Pode-se encontrar um imperfeito do subjuntivo no segundo texto *Título de venda* do Mosteiro de Arouca do ano 883:

(8) ...placuit nobis atque convenit, nullis quoque gentis imperio nec suadentis articulo, sed propria nobis accessit voluntas, sano animo atque integro consilio, *ut vinderemus* ad vobis, sicut et vendimus, iam dicits Kartemiro et heredibus tuis...¹⁶

(Leite de Vasconcelos, 1907: 10)

Este imperfeito do subjuntivo é introduzido pela conjunção *ut*, portanto, partilha uma morfologia semelhante com o infinitivo pessoal, mas os contextos sintáticos de ambos os verbos são diferentes, porque *ut* indica uma oração subordinada no modo subjuntivo e o infinitivo pessoal não tem um contexto no modo subjuntivo, mas tem um contexto no modo indicativo.

Não se encontra mais casos nestes séculos que possam indicar um infinitivo pessoal. Porém, quatro textos em latim bárbaro não são muito representativos destes séculos e, por isso, não se pode excluir a existência do infinitivo pessoal no período do latim bárbaro.

¹⁶ Tradução minha: Fez-nos contentes (com este desejo) e conveio, não pela gente do império e pelos (nossos) conselheiros, mas nós mesmos concordámos com o desejo, com bom senso e com intenção certa, *para que vendesse* (o título de venda) a vos, assim como o vendemos, o mencionado acima para Kartemiro e para teu herdeiro...

4.2.3 Séculos XII - XIII

Leite de Leite de Vasconcelos (1907: 16-21) trata seis poesias líricas deste período. As poesias são sobre personagens importantes do século XII e XIII, dos períodos regenciais de Dom Sancho I e Dom Dinis. As duas poesias mais interessantes relativamente à análise do uso do infinitivo flexionado são as seguintes:

(9) E melhor est, e mais será meu ben, *de morrer* cedo, e non *saberen* quen é *por* quen *moir'* e que sempre neguei!

(Poema de Rodrigo Eannes Redondo, em Leite de Vasconcelos, 1907: 20)

O emprego do infinitivo flexionado no verbo *saber* corresponde neste caso com o emprego deste tempo verbal no português moderno (veja Cunha & Cintra, 2010: 485). É também notável que o infinitivo flexionado vem sem preposição na frase.

(10) Ide-vos, varom quem vos foi aqui trajer *para* m' *irdes* destorvar d'u dig' aqieste cantar que fez quem sei bem *querer*?

(Poema de El-Rei D. Dinis, em Leite de Vasconcelos, 1907: 21)

Ao contrário do caso (9), *irdes* é introduzido pela preposição *para*, que corresponde igualmente ao emprego do infinitivo pessoal com as preposições *por* e *para* no português moderno (veja Cunha & Cintra, 2010: 485). *Querer* não é introduzido por uma preposição, mas tem como sujeito *quem*, indicando o sujeito do verbo.

4.2.4 Século XIV

Infelizmente, não se pode encontrar um infinitivo pessoal neste século nos textos de Leite de Vasconcelos (1907). Uma causa para isso, como se encontrará na conclusão desta secção (4.2), pode ser que a maioria dos textos de Leite de Vasconcelos neste século são poemas.

4.2.4 Século XV

Há quatro casos de emprego do infinitivo flexionado no texto '*Do livro da montaria*'. Acho que os últimos dois são um pouco mais especiais, mormente o caso (10), porque o verbo 'poer' não vem nos dicionários, mas a morfologia deste verbo refere-se, quanto a mim, ao infinitivo flexionado.

(11) ...en como quer que muytos o saibam bem fazer, *pero* nós non *leixaremos* aqui de o escreuer... (Leite de Vasconcelos, 1907: 55)

Leixaremos parece, em primeira instância pela sua forma morfológica, ser um infinitivo flexionado, mas o facto do verbo ser introduzido pela conjunção *pero*¹⁷ indica que aqui o emprego dum infinitivo flexionado é impossível.

(12) ...des hi conhescer as cousas que os tempos fazem, que tornam aos monteyros *de* non *poderem* conhescer de que horas he aquelle rastro que quer aprazar... (Leite de Vasconcelos, 1907: 56)

(13) ...per que os monteyros caaen en erro *de* non *poderem* aprazar... (Leite de Vasconcelos, 1907: 56)

(14) ...ca *pera* esto bem *saber* fazer... (Leite de Vasconcelos, 1907: 57)

(15) ...compre conhescer como e en que lugar he melhor *pera* lhe *poerem* a bozeria e en como lhe deue a fazer aquelle que a puser... (Leite de Vasconcelos, 1907: 57)

Os casos (12) e (13), *poderem* e *poderem*, são introduzidos pela preposição *de* e o caso (14) *saber*, que vem com a preposição *pera*, seguem as regras do emprego do infinitivo pessoal no português moderno (veja Cunha & Cintra, 2010: 485). O caso (15) *poerem*, assim como (14), é introduzido pela preposição *pera*. *Pera* pode concordar com a significação de 'por e para' no português moderno.

¹⁷ A conjunção *pero* ainda se encontra em castelhano. O português neste caso hoje em dia usa a conjunção *porém* ou *mas*.

Leite de Vasconcelos (1907: 57) trata mais um texto do período XV, que é *Do 'Leal Conselheiro'*.

(16) Primeira *por acrecentar* em vyrtutudes, *mynguar* em fallicimentos, prazendo por ello a nosso Senhor, e *alçar* na vida presente e que speramos o que dá graciosamente *aos* que per ssa mercee lhes praz *bem vyverem*.

(Leite de Vasconcelos, 1907: 58)

O infinitivo pessoal *vyverem* faz parte da oração subordinada *que per ssa mercee lhes praz bem vyverem* e é introduzido pela preposição *aos* (= *a + os*), assim como no português moderno (veja também Cunha & Cintra, 2010: 483).

Há um caso do infinitivo flexionado no segundo texto que é um *Extracto da 'Cronica de D. João I'*:

(17) E El-Rey mandou laa Afonso Vasquez Correa, comendador d'Orta Lagoa, e Gonçalo Lourenço. seu escriuão da puridade, *pera afirmarem* com elle o que lhe enuayva dizer... (Leite de Vasconcelos, 1907: 65)

Aqui, o infinitivo flexionado *afirmarem* é introduzido pela preposição *pera* (= *para*).

Exemplos comparáveis, com o uso da preposição *para* antes de um infinitivo flexionado, encontra-se também na obra de Cunha & Cintra (2010: 485).

Concluindo, há uma tendência nos textos arcaicos dos séculos XII a XV. Em primeiro lugar, a frequência do emprego do infinitivo flexionado aumenta a partir dos séculos XII e XIII. Especialmente desde o século XIII, o emprego do infinitivo flexionado tem um crescimento explosivo. Em segundo lugar, o emprego de preposições para introduzir um infinitivo flexionado torna-se facultativo com o decorrer dos séculos. No início, os infinitivos flexionados juntam-se frequentemente com as preposições equivalentes a *por* ou *para*, mas depois, os infinitivos flexionados aparecem mais e mais sem preposições. Em terceiro lugar, é notável que quase sempre a primeira e terceira pessoa singular, já como a terceira pessoa plural era empregada. Uma explicação seria que os textos tratados por Leite de Vasconcelos (1907) são textos formais e, por isso, com uma forma escrita formal. Finalmente, há mais emprego do infinitivo flexionado nos textos que tratam a realidade e escrituras do que nos textos que tratam poesia.

4.3 Textos Galego-Portugueses

Além da proposta que o infinitivo pessoal português era derivado duma forma verbal do latim, há ainda uma outra possibilidade para a origem do infinitivo flexionado no português, isto é, através do galego-português. Esta possibilidade já foi mencionada por Fernández (1992: 167-168). Por sorte Leite de Vasconcelos (1907: 72-79) também dá um número de exemplos de textos galego-portugueses. Os textos analisados para esta secção são seis e consistem de cinco títulos de venda e um título de aforamento.

O primeiro texto é um título de venda do ano 1275. Há dois exemplos claros do infinitivo flexionado:

(18) “Conuçuda cousa seia *a* quantos esta carta *viren* e *oyren* como eu Eura Iohannis...” (Leite de Vasconcelos, 1907: 72)

Oyren não é um verbo português, mas no dialeto castelhano este verbo significa *ouvir*. *Quantos* é o sujeito dos infinitivos flexionados *viren* e *oyren*, e por isso pode ser que *a* que precede *quantos* funcione como uma preposição que introduz os infinitivos flexionados nesta frase. Porém, um exemplo como este não é dado na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha & Cintra (481-487).

No último texto galego português, há fragmentos de um título de aforamento do ano 1501. Um infinitivo flexionado aparece nos fragmentos:

(19) “Saban quantos esta carta d’aforamento *viren* como Don Frey Gregorio...” (Leite de Vasconcelos, 1907: 78)

Este exemplo apresenta semelhanças com o primeiro texto no galego-português. O infinitivo flexionado não se junta com uma preposição explícita, mas pode ser que *quantos* tenha a mesma função que *a quantos* no exemplo anterior. Ou seja, seria um infinitivo pessoal sem preposição que o precede.

Fernández (1992: 171-174) também dá mais exemplos do infinitivo flexionado no dialeto leonês, além de mencionar o aparecimento do infinitivo flexionado ou pessoal no galego-português. Além disso, as pesquisas de Jansegers & Vanderschueren (2010) e a pesquisa de Dieguez (2012) tratam o infinitivo flexionado galego e as suas formas correspondentes no castelhano e noutros dialetos espanhóis.

4.4 Conclusões preliminares

Esta análise foi feita para pesquisar a plausibilidade da hipótese de Gamillscheg e Rodrigues (citado em Santos Lindegaard, 2010: 4), isto é, se o infinitivo flexionado na língua portuguesa foi formado a partir do imperfeito do subjuntivo na língua latina. Em primeiro lugar, os resultados desta análise mostram que as conclusões de Gamillscheg e Rodrigues (Santos Lindegaard, 2010: 5) falham em parte no que diz respeito à origem do infinitivo flexionado português, como já se viu na secção 4.1. No entanto, Williams (1961: 187) opta pela hipótese de Gamillscheg e Rodrigues (Santos Lindegaard, 2010: 4) como sendo a verdadeira origem do infinitivo pessoal no português. Todavia, não foi verificada a construção dum preposição com um infinitivo pessoal nas *Etymologiae* de Hispalensis (s/d). Fases um e dois da evolução do infinitivo não flexionado latino para o infinitivo flexionado português de Maurer (Schaf Filho, 2003: 57) têm semelhanças com os casos (2) e (4) das *Etymologiae* de Hispalensis (s/d): há neste exemplo uma oração infinitiva com um sujeito (coberto) no caso nominativo. Saïd Ali (1971) aponta casos em que um infinitivo pessoal é introduzido por uma preposição no português moderno. O caso com a preposição *de* encontra-se também nos casos (9), (12) e (13). O caso *ao* + infinitivo, segundo Saïd Ali (1971: 342) encontra-se no caso (16) da minha análise. Quando se compara os resultados desta análise com as propostas de Wireback (1994: par. 6), depara-se com um problema: não há orações subordinadas adverbiais de fim nos casos aqui apresentados das *Etymologiae* de Hispalensis (s/d), em que aparece a construção dum imperfeito do subjuntivo com ou sem a conjunção *ut*. A proposta de Schaf Filho (2003: 55), finalmente, concorda com os resultados desta análise. Assim ele fala dum substituição gradual da conjunção *ut* pela conjunção *quod* e outras conjunções ou advérbios no período do latim vulgar. Esta evolução podemos encontrar no caso (4) em que um imperfeito do subjuntivo é introduzido por *quod* em vez de *ut*. Esta comparação indica que a hipótese de Leite de Vasconcelos (Santos Lindegaard, 2010: 5), depois apoiada e elaborada por Maurer (Schaf Filho, 2003: 57), tem mais semelhanças com os resultados desta análise. No entanto, só as fases um e dois de Maurer (Schaf Filho, 2003: 57) concordam com os resultados aqui observados, isto é, não se encontra prova clara de um infinitivo pessoal ou flexionado nas *Etymologiae* de Hispalensis (s/d). Além disso, as considerações de Martins (2001: 219) e Schaf Filho (2003: 62), que dizem que é preciso pesquisar mais sobre a possibilidade de o infinitivo pessoal ter as suas raízes no galego ou numa outra língua românica, têm o seu valor, já que algumas análises no galego da Baixa Idade Média indicam formas verbais do infinitivo pessoal, assim como os casos (18) e (19) em galego-português.

5. Conclusão

A pergunta base desta tese era se o infinitivo pessoal, de que geralmente dizem ser uma forma verbal apenas conhecida na língua portuguesa, afinal sempre tem a sua origem na língua latina.

No segundo capítulo, pesquisou-se hipóteses existentes sobre a origem do infinitivo pessoal, chegando a duas hipóteses principais: por um lado, a hipótese de Gamillscheg e Rodrigues (citado por Santos Lindegaard, 2010), que defende que o infinitivo pessoal deriva da forma do subjuntivo do imperfeito no latim clássico e, por outro lado, a hipótese de Leite de Vasconcelos (citado por Santos Lindegaard, 2010), que afirma que o infinitivo pessoal deriva do infinitivo não flexionado no latim vulgar.

Pode-se constatar que Cunha & Cintra (2010: 485) e Saïd Ali (1971: 342), sobretudo, prestaram atenção à formação do infinitivo pessoal no português moderno. Foram tratados igualmente os linguistas que se juntaram no debate sobre o infinitivo pessoal e apoiaram uma ou outra hipótese, elaborando-a, depois de Williams (1961: 187), que disse que o infinitivo pessoal aparece em orações do latim vulgar em que a conjunção *ut* era suprimida e substituída por uma preposição. Wireback (1994: par. 3) tentou defender a hipótese de Gamillscheg e Rodrigues, propondo que o infinitivo pessoal aparece em orações subordinadas adverbiais de fim, sendo um imperfeito do subjuntivo no latim vulgar. Por outro lado, Maurer (citado por Schaf Filho, 2003: 57) defendeu a hipótese de Leite de Vasconcelos, elaborando-a e apresentando quatro fases da evolução do infinitivo não flexionado latino para o infinitivo pessoal português. Finalmente, Martins (2001: 219) e Schaf Filho (2003: 60) reconsideraram as hipóteses de Gamillscheg e Rodrigues, por um lado, e Leite de Vasconcelos, por outro lado, fazendo uma análise mais linguística no que diz respeito aos contextos sintáticos em que o imperfeito do subjuntivo latino e o infinitivo não flexionado latino aparecem. Martins (2001) e Schaf Filho (2003) concluíram que a origem do infinitivo pessoal continua obscura. As hipóteses de Gamillscheg, Rodrigues e Leite de Vasconcelos indicam tanto concordâncias como discrepâncias com o emprego do infinitivo pessoal actual e isso, até hoje, torna o debate sobre o infinitivo pessoal numa polémica sem fim, segundo Schaf Filho (2003: 62).

Os resultados da análise desta tese levam, mais ou menos, a conclusões semelhantes às de Martins (2001: 219) e Schaf Filho (2003: 62). A construção *ut* com um imperfeito do subjuntivo é quase ausente nas *Etymologiae* de Hispalensis (s/d). Além disso, há três casos em que aparece uma construção dum caso acusativo com um infinitivo pessoal e três casos em que um infinitivo simples funciona como um verbo finito, possivelmente indicando um

infinitivo pessoal. Isto prova que a parte mais importante das hipóteses de Leite de Vasconcelos, Rodrigues e Gamillscheg não foi confirmada por esta análise, isto é, o caso de Gamillscheg e Rodrigues em que aparece uma construção de preposição, surprimindo a conjunção *ut*, com um infinitivo flexionado não foi encontrado nas *Etymologiae* (Hispalensis, s/d), assim como o caso de Leite de Vasconcelos, depois elaborado por Schaf Filho (2003), em que uma preposição introduz um infinitivo pessoal, não foi encontrado. A oração subordinada adverbial de fim com um infinitivo flexionado em vez da construção *ut* com um imperfeito do subjuntivo, proposta por Wireback (1994: par. 6), também não foi encontrada nas *Etymologiae* (Hispalensis, s/d). Conforme estes resultados, a conclusão de Maurer (Schaf Filho, 2003: 58) é a que melhor coincide com a construção do infinitivo pessoal, dado que os contextos sintáticos do infinitivo pessoal português e do infinitivo não flexionado latino são muito semelhantes.

Porém, ainda há uma outra visão sobre a origem do infinitivo pessoal. Os exemplos galegos tratados nesta análise de textos de Leite de Vasconcelos (1907: 72-79) mostram também construções com um infinitivo pessoal no galego. Como havia um tempo limitado para a pesquisa desta tese de licenciatura, não foi investigado mais sobre o infinitivo pessoal na língua galega e também não em outras línguas românicas.

Estender a pesquisa para outras línguas românicas é uma boa opção para pesquisa futura. O emprego de formas infinitivas nas outras línguas românicas refere-se ao artigo de Fernández (1992), em que ela tenta explicar o aparecimento do infinitivo pessoal no dialeto leonês. Também Jansegers & Vanderschueren (2010) e Dieguez (2012), em que a forma verbal do infinitivo pessoal no galego é comparada com a forma verbal do infinitivo pessoal no português e com formas infinitivas em castelhano, podem ser muito úteis.

Bibliografia

Obras

- BARNEY, Stephen A. LEWIS, W. J. BEACH, J. A. BERGHOF, Olivier. 2006. *The Etymologies of Isidore of Seville*. Cambridge. Cambridge University Press.
Também na internet:
pot-pourri.fltr.ucl.ac.be/files/AClassftp/TEXTES/ISIDORUS/Etymologie/BIN8PWGetQy.pdf .
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. 2010. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa. Edições João Sá da Costa.
- DIEGUEZ, Ignacio Vazquez. 2012. *O infinitivo (conjugado) galego e portugués e as súas correspondencias en español*. Barcelona. Universitat de Barcelona.
Também na internet:
http://ilg.usc.es/elg/volume/4/pescuda/Pescuda_Vazquez_ELG04_2012.pdf (2-4-2013)
- EMILIANO, António. 2007. *O conceito de Latim Barbaro na tradição filológica portuguesa: Algumas observações gerais sobre pressupostos e factos (scripto-)linguísticos*. Lisboa. Universidade Nova de Lisboa.
Também na internet:
http://www.fcsh.unl.pt/philologia/EMILIANO2007_Homenaje_Lodares.pdf (19-3-2013)
- FERNÁNDEZ, Maria Cristina Egado. 1992. *Infinitivos conjugados en documentos leoneses del s. XIII*. León. Departamento de Filología Hispánica. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de León. Campus Vegazana.
Também na internet: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=97980> (11-11-2012)
- JANSEGGERS, Marlies & VANDERSCHUEREN, Clara. 2010. *El Infinitivo Flexionado Gallego: Entre Portugués y Castellano*. Gante. Universidad de Gante.
Também na internet:
http://www.academia.edu/1254518/El_infinitivo_flexionado_gallego_entre_portugues_y_castellano (2-4-2013)
- LEITE DE VASCONCELOS, José. 1907. *Textos Archaicos*. 2.a edição. Lisboa. Livraria Clássica Editora de A.M. Teixeira & C.
- MAURER JR., Theodoro Henrique Jr. 1968. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo. Cia. Editora Nacional-USP.
- SAÏD ALI, Manuel. 1971. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Volume 19. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, Biblioteca Brasileira de Filologia.
- SCHAF FILHO, Mathias. 2003. *Do acusativo com infinitivo latino ao nominativo com infinitivo português*. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. 20-10.
Também na internet:
<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/85331/199017.pdf> (11-11-2012)
- WILLIAMS, Edwin B. 1961. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro. Edições Tempo Brasileiro Ltda.

Artigos

- MARTINS, Ana Maria. 2001. On the origin of the Portuguese inflected infinitive: A new perspective on an enduring debate. In: *Historical Linguistics 1999: Selected papers from the 14th International Conference on Historical Linguistics* (9–13 August 1999). Vancouver. Brinton, Laurel J. (ed.). 207–222.
- WIREBACK, Kenneth J. 1994. The Origin of the Portuguese Inflected Infinitive. *Hispania : A journal devoted to the interests of the teaching of Spanish and Portuguese*. Volume: 77, Issue: 3 (September). 544-554.

Internet

- HISPALENSIS, Isidoro. S/D. *Etymologiae, Liber I - X*. S/L.
<http://www.thelatinlibrary.com/isidore.html> (19-3-2013)
- SANTOS LINDEGAARD, Vítor. 2010. *Um infinitivo cheio de personalidade*. Denmark, Svendborg.
<http://lindegaard.blogspot.nl/2010/03/um-infinitivo-cheio-de-personalidade.html> (11-11-2012)

Samenvatting

In deze bachelorscriptie ga ik in op het ontstaan van de Infinitivo Pessoal in de Portugese taal, een werkwoordwijs waarvan meestal wordt aangenomen dat die alleen in de Portugese taal voorkomt. De twee hypothesen over het ontstaan van de Infinitivo Pessoal worden besproken en verder geanalyseerd. De eerste hypothese, opgesteld door de taalkundigen Ernst Gamillscheg en José Rodrigues, zegt dat de Infinitivo Pessoal stamt van de onvoltooid verleden tijd in de aanvoegende wijs (conjunctivus imperfectum) uit het Klassiek Latijn. De andere hypothese, opgesteld door de Portugese taalkundige José Leite de Vasconcelos, zegt dat de Infinitivo Pessoal afstamt van de onbepaalde wijs (infinitivus) uit het Vulgair Latijn. Aan de hand van de vraag of de Infinitivo Pessoal daadwerkelijk al uit het Latijn zou kunnen stammen of pas daarna is ontstaan, onderzoek ik de contextuele overeenkomsten en verschillen tussen de voorbeelden gegeven door de drie taalkundigen ter verdediging van hun hypothesen. Daarna betrek ik ook hierbij het werk van latere taalkundigen die zich verder in deze twee hypothesen hebben verdiept; enkele teksten in het archaïsch Portugees die gepubliceerd zijn door José Leite de Vasconcelos zelf; en enkele Vulgair Latijnse teksten geschreven door Isidorus Hispalensis in de zesde eeuw na Christus. De conclusie is dat er nog steeds geen concreet bewijs is voor de oorsprong van de Portugese Infinitivo Pessoal, maar dat, volgens de resultaten uit mijn onderzoek, een oorsprong in het Vulgair Latijn of, zelfs daarna, in het Galego-Português, zeer aannemelijk is.